

Pesquisa em Debate

O SIGNO LIXO NA MENTE INTERPRETADORA: UM RECORTE SEMIÓTICO DO COTIDIANO DOS GARIS DE BOA VISTA - RORAIMA¹

THE SIGN GARBAGE IN MIND INTERPRET: A SEMIOTIC CUT ON EVERYDAY OF THE GARBAGE MEM FRON BOA VISTA - RORAIMA

Raphaela F. dos S. Borges de Queiroz

Universidade Federal de Roraima

¹ Artigo foi elaborado a partir da monografia *Lixo ou gari: a semiotização do ser pela palavra*, apresentada no Curso de Comunicação Social – habilitação em jornalismo- da Universidade Federal de Roraima, em julho de 2008.

Resumo

Os estudos da comunicação têm dado ênfase aos processos culturais que envolvem sistemas de informação amplos. No entanto, é preciso reconhecer o âmbito local como o espaço em que se estabelece um consenso prévio entre os interlocutores, onde os sentidos são produzidos, só então são disseminados pelas relações sociais e tornam-se convencionais. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa participante a fim de conhecer como o signo “lixo” é interpretado pelos garis da cidade de Boa Vista ao ouvirem os moradores pronunciar a frase “o lixo chegou!”. Para tanto, recorreu-se aos conceitos da Semiótica e aos princípios do método denominado pragmaticismo. Os resultados apontam para o teor simbólico que o signo produz na mente interpretadora garis, relacionando o signo “lixo” à situação de humilhação social vivida por esses profissionais.

Palavras-chave: Semiótica, signo, pragmaticismo, comunicação, lixo, gari.

Abstract

The studies of the communication have given emphasis to the cultural processes that involve systems of information wide. However, it is necessary to recognize in the local ambit that settles down a previous consent among the speakers, the senses are produced, they are only then disseminated by the social relationships and they become conventional. In that sense, he/she took place a participant research in order to know as the sign " garbage " is interpreted by the street sweepers of the city of Boa Vista to the they hear the residents he/she pronounce the sentence " The garbage has already arrived! ". So the researcher looked for concepts of the Semiotics and the method denominated pragmaticism. The results showed the symbolic tenor that the sign produces in the interpreter mind, relating “garbage” sign with the aspects has begun of social humiliation situation, suffered for this workers.

Keywords: semiotics, sign, pragmaticism, communication, garbage, garbage man.

Introdução

Os estudos da comunicação têm dado ênfase aos processos culturais que envolvem sistemas de informação amplos. As pesquisas, no geral, voltam-se para as tecnologias inerentes à sociedade urbana industrial, responsáveis pelas grandes transformações na produção, circulação e recepção das mensagens midiáticas, permeadas pelo alcance global. É preciso, contudo, reconhecer que a comunicação nasce de um processo cultural que envolve atores locais. É no local que se estabelece um consenso prévio entre os interlocutores, os sentidos são produzidos, só então são disseminados pelas relações sociais e tornam-se convencionais.

Não se pode, pois, instituir à comunicação um caráter redutor de processo em que apenas circulam informação, é mister reconhecê-la como fenômeno produtor de significações, no qual o receptor deixa de ser visto como mero decodificador, mas também como um produtor de significados para a mensagem que lhe é direcionada pelo emissor. É nessa direção que a Teoria Geral do signo – Semiótica - de Charles Sanders Peirce torna-se esclarecedora nos estudos da comunicação.

As inserções pela Semiótica deram-se pela curiosidade científica de compreender como os signos ganham significados, conhecer o valor que adquirem no campo das representações, como um signo aparece à consciência, e quais as reações dos interlocutores diante de um signo que lhe soa pejorativo, irônico ou permeado pela humilhação social.

Para tanto, propôs-se a realização de um estudo sobre o espaço semiótico do signo “lixo” nas relações sociais entre os moradores da rua José Arthur de Lima, da cidade de Boa Vista – capital do estado de Roraima² – e os garis da empresa responsável pela coleta de resíduos sólidos nessa cidade. A escolha por esse enfoque deu-se a partir da constatação de que é comum na linguagem dos moradores da cidade de Boa Vista o uso da estrutura: “*O lixo já passou?*” ou “*O lixo chegou*”. Neste artigo, apresenta-se uma leitura semiótica do signo “lixo”, delimitando-o aos significados atribuídos pelos garis.

² Um dos estados mais jovens do Brasil. Até a promulgação da Constituição Federal, em 1988, constituía um Território da Federação. Limita-se ao norte com a Venezuela e com a República Cooperativa da Guiana; ao sul, com o Estado do Amazonas; a leste, com a República Cooperativa da Guiana e com o Estado do Pará; e a oeste com o Estado do Amazonas e com a República da Venezuela. Suas fronteiras internacionais estendem-se por 958 km com a Venezuela e por 964 km com a Guiana.

A hipótese teórica levantada é a de que o profissional gari pode interpretar o signo “lixo” do ponto de vista puramente semântico ou sob o prisma da pragmática. No primeiro caso, sua produção terá como base o processo da conotação, podendo revelar um significado novo, inusitado. No segundo, o significado será carregado pelo sentido pejorativo, revelador do preconceito e do estigma decorrentes do exercício de uma profissão considerada subalterna.

Semiótica: conceito e características dos signos

O objeto de estudo da Semiótica é o modo de ser dos signos, independente de sua natureza lingüística ou não lingüística, de sua origem humana.

Signo é [...] aquilo que nos chega à realidade, que nos é dado perceber e que, portanto, não é a realidade inteira, mas uma parcela dela, uma parte ou uma dimensão que representa o todo, na impossibilidade de que ele apareça em sua plenitude. Traduzindo em miúdos, o signo é todo sinal de realidade, toda marca que representa algo que está fora dele, mas de que, em alguns casos, ele é parte. Assim, os nomes não são coisas nem as pessoas, mas as representam na ausência (...).³

A Semiótica é considerada a filosofia científica da linguagem cujo objetivo é a análise da ação e da atividade dos signos.

Mas, afinal, para que serve a Semiótica? Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal. (...) A Semiótica acaba de uma vez por

³ IASBECK, Luís Carlos Assis. O Método Semiótico. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio. *Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 194.

todas com a idéia de que as coisas só adquirem significado quando traduzidas sob a forma de palavras⁴.

Charles Sanders Peirce⁵ foi o teórico responsável pelo reconhecimento da Semiótica como ciência. Segundo ele, Lógica seria outro nome possível para a Semiótica, a Teoria Geral dos Signos, definida por ele, como a doutrina quase-necessária ou formal dos signos.

Por doutrina quase-necessária ou formal, quero significar que observamos os caracteres desses signos tais como os conhecemos, e dessa observação, por um processo que não discordo em chamar de Abstração, somos levados a pronunciamentos eminentemente falíveis e, portanto, nesse sentido, de modo algum necessários, sobre o que *devem* ser os caracteres de todos os signos usados por uma inteligência “científica”, ou seja, por uma inteligência capaz de aprender pela inteligência⁶.

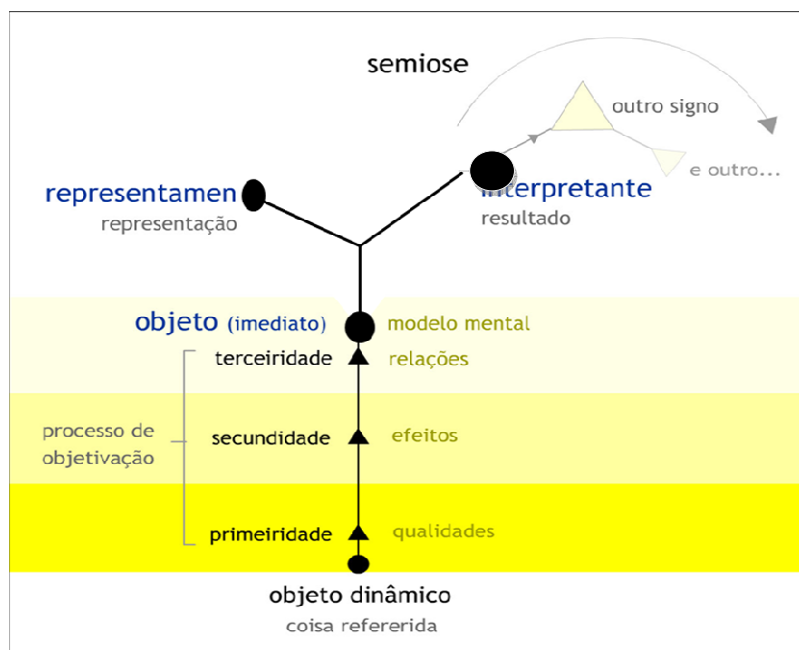
Sua definição de signo sustenta-se em um modelo triádico cujas peças são o Objeto, Interpretante e o Representâmen. Estes atuam de forma dinâmica que a partir do interpretante podem originar uma semiose ilimitada, conforme descrito na figura 01.

⁴ PIGNATARI, Décio. *Semiótica & literatura*. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial: 2004, p. 20.

⁵ Nasceu em 10 de setembro de 1839, em Cambridge, Massachusetts, nos Estados Unidos. Cresceu em um ambiente acadêmico, o que o influenciou a começar os estudos desde cedo. Aos seis anos de idade ele já era químico; aos onze anos escreveu a história da química e quando adulto bacharelou-se em química - física pela Universidade Harvard. Exerceu grande influência sobre a formulação teórica do pragmatismo e da lógica clássica. Ser poliglota facilitou sua inserção em diferentes áreas: geodésia, astronomia, gravitação, química, física, criminologia, telepatia, metrologia, biologia, espectrologia, óptica, filologia, arquitetura, lingüística e história. Além de contribuir consideravelmente com a psicologia, tornando-se um dos precursores em psicologia experimental da América. Faleceu em 19 de abril de 1914, aos 75 anos. Seus manuscritos inéditos foram vendidos ao Departamento de Filosofia da Universidade Harvard, resultando em grandes publicações.

⁶ PIERCE, 1931 – 1958 *apud* MACHADO FILHO, Francisco; THOMAZ, Patrícia. As dez classes principais de signos segundo Charles Sanders Peirce. VII Jornada Multidisciplinar: Humanidades em Comunicação. *Anais...FAAC/UNESP-Bauru*, outubro 2005.

FIGURA 1 - Elementos que formam o signo e a semiose



Fonte: Amstel, 2007, com adaptações.

Desta forma, Peirce define signo ou *Representâmen*⁷ como tudo aquilo que, de certa forma, representa alguma coisa para alguém. Nesse caso, ao usar um signo o emissor tem sobre ele uma imagem do objeto representado, o uso dará origem na mente do receptor a um signo análogo a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo recebe a denominação de interpretante. Vale ressaltar que o interpretante do signo não equivale ao intérprete, e sim, àquilo que está na mente do interpretador. A coisa representada consiste no objeto. Portanto, tudo pode ser signo. Em sua base estão as categorias fenomenológicas (primeiridade, secundidade e terceiridade).

Os estudos desenvolvidos por Peirce o levaram a descobrir estes três elementos formais e universais, que estão presentes em todos os fenômenos que se apresentam à percepção e à mente⁸.

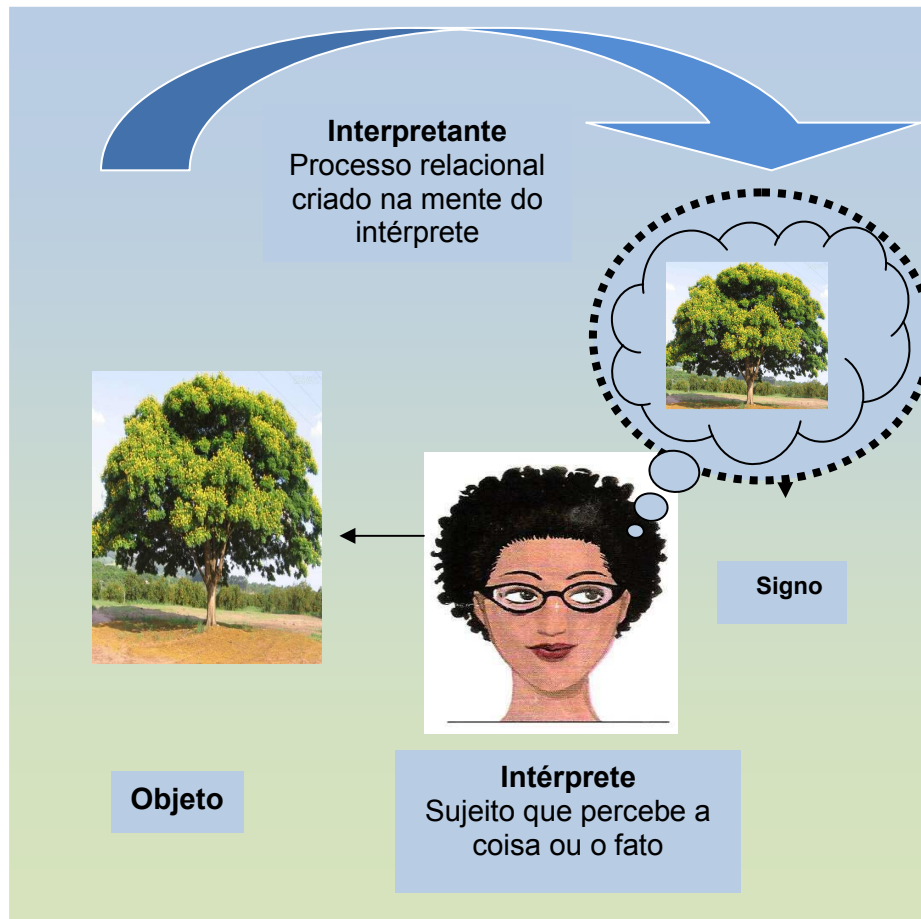
Assim como o próprio signo, o objeto do signo também pode ser qualquer coisa, considerada na posição de objeto, pois é representada pelo signo. O que define signo, objeto e interpretante é a posição lógica que cada um destes componentes ocupa no processo interpretativo.

⁷ NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

⁸ SANTAELLA, Lucia. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002

A partir da figura 2, pode-se compreender como o signo e os elementos que o compõem se processam na mente interpretadora.

Figura 02 – Elementos do signo



Fonte: Mucelin (2006, p. 68)

Por sua natureza triádica, o signo pode ser analisado “em si mesmo, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar; na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; e, nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores (...)”⁹.

Apesar de ter proposto a existência de dez tricotomias e sessenta e seis classes de signos¹⁰, Peirce explorou somente três tricotomias e dez classes de signos.

⁹ Idem, p. 05.

¹⁰ Op. Cit., p. 3.

A primeira das três tricotomias corresponde ao signo em si mesmo; a segunda diz respeito à relação entre signo e o seu objeto; a terceira corresponde às relações existentes entre o signo e o seu interpretante.

Todos os elementos presentes no quadro 1 são signos que formam um signo maior, completo.

QUADRO 1 - TRICOTOMIA DE PIERCE E SUAS SUBDIVISÕES

Categorias	Tricotomias		
	SIGNO I	SIGNO II	SIGNO III
	Representâmen em si	Relação ao objeto	Relação ao interpretante
Primeiridade	Quali-signo	Ícone	Rema
Secundidade	Sin-signo	Índice	Dicente
Terceiridade	Legi-signo	Símbolo	Argumento

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Peirce, 1977.

O quali-signo, fundamentado pela primeiridade, apresenta as peculiaridades inculcadas na primeira das categorias. Uma simples qualidade quando funciona como signo é nomeada de quali-signo. Em outras palavras, a primeiridade equivale ao acaso, qualidade, possibilidade, sentimento, originalidade, liberdade, mônada.

A Secundidade equivale à ação e reação, dualidade, conflito, surpresa, dúvida, aqui e agora. A secundidade fundamenta o sin-signo. Este consiste na existência. O mero fato de existir caracteriza algo como signo. A peculiaridade do sin-signo é a singularidade.

A terceira categoria, base para o legi-signo, refere-se à lei, a normas, generalidades. Desta forma, o legi-signo tem caráter de lei, norma, convenção. O legi-signo é mais complexo, pois abarca o quali-signo e o sin-signo.

A forma mais simples de terceiridade manifesta-se no signo. Este corresponde a um primeiro (algo que se apresenta à mente), vinculando um segundo (aquilo que o signo indica, representa e se refere), e a um terceiro (o efeito que o signo irá provocar em um intérprete)¹¹.

¹¹ Idem.

De acordo com a relação estabelecida entre o objeto e sua propriedade, definiram-se dez classes de signos¹², conforme quadro 3:

QUADRO 2 – AS DEZ CLASSES DE SIGNOS DETERMINADAS POR PEIRCE

Classe	Denominação	Exemplo
1ª	Quali-signo Icônico Remático	sensação de vermelho
2ª	Sin-signo Icônico Remático	Organograma
3ª	Sin-signo Indicativo Remático	a risada de um bebê
4ª	Sinsigno Indicativo Dicente	ponteiro da Bússola (indica o Norte)
5ª	Legi-signo Icônico Remático	um gráfico do crescimento da exportação no Brasil
6ª	Legi-signo Indicativo Remático	sirene de uma ambulância
7ª	Legi-signo Indicativo Dicente	placa indicando estacionamento exclusivo para pessoas portadoras de deficiência.
8ª	Símbolo Remático ou Rema Simbólico	metáfora (leão designa força)
9ª	Símbolo Dicente ou Proposição Ordinária	afirmações como: “Pode trovejar sem chover”.
10ª	Signo ulterior	argumento

FONTE: Elaborado pela autora, com base em Pierce 1977.

Todas estas propriedades relatadas - quali-signo, sin-signo e legi-signo – atuam, em geral, de maneira conjunta. No entanto, apesar de agirem unidas, muitas vezes, uma propriedade pode se sobressair em relação às outras.

Enfim, os signos se aplicam a uma determinada situação ou estado de coisas, a um contexto (seu objeto dinâmico): se uma frase – é o que ela diz; se uma imagem – é o que a foto capturou; se uma dança - é o que ela representa. O modo como o signo representa, indica, se assemelha, sugere, evoca aquilo a que ele se refere é o objeto imediato o qual nos permite ter acesso ao objeto dinâmico, pois, na sua função mediadora, é sempre o signo que nos coloca em contato com tudo aquilo que costumamos chamar realidade.

A metodologia semiótica: o pragmaticismo

¹² PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. J. Teixeira Coelho. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Para utilizar a semiótica peirceana, foi necessário o domínio, se não totalmente, de conceitos-chave do arcabouço teórico apresentado na seção anterior. Por essa via, buscou-se conhecer as três formas de abordagem do objeto indicadas por Peirce: a indução¹³; a dedução¹⁴; e o método abduutivo. Este é composto por evidências que ocorrem como *insight*¹⁵ durante a pesquisa, mesmo que pareçam descabidas ou impossíveis de serem postas conforme a lógica sistemática do conhecimento.

A partir do *insight*, é possível se chegar a conclusões antecipadas e muitas vezes infundadas. Nesse sentido, a teoria do falibilismo¹⁶, proposta por Peirce, tranquiliza o pesquisador a esse respeito, pois ele sabe que o estudo poderá alterar suas conjecturas à medida que a pesquisa avança.

Com base nesses princípios, procedeu-se ao recorte metodológico, para percepção do signo “lixo”. Realizou-se, assim, o recorte temporal e espacial. O primeiro foi definido de acordo com o cronograma de trabalho, organizado pela identificação dos transportes usados para coleta de lixo. A partir da definição do caminhão de coleta 170, que atua no período diurno e noturno, estabeleceu-se a rota 1.6, correspondente aos bairros: Cidadão, parte do Centenário e Professora Araceli Souto Maior (Segundas, quartas e sextas), e Alvorada e Silvio Leite (Terça, quinta e sábado), como recorte espacial. A amostragem para as entrevistas seguiu como parâmetro as delimitações anteriores.

Em Boa Vista, no ano de 2008, trabalhavam 105 garis. Durante o dia, atuavam 49 auxiliares¹⁷ na coleta de lixo urbano; à noite, 42. No aterro sanitário, localizado na BR-174¹⁸, sentido Amazonas, trabalham 14 garis.

¹³ “A Indução é um tipo de raciocínio que, a partir de uma teoria, busca predizer fenômenos e observar o quanto estas predisposições se aproximam da teoria, sendo que quanto mais distante do idealizado, menor será sua representatividade” (PEIRCE *apud* PIRES 2008, p.10).

¹⁴ Idem, p. 10 “dedução é “um argumento que representa fatos nas Premissas, de tal modo que, se vamos representá-los em um diagrama, somos compelidos a representar o fato declarado na Conclusão; destarte, a Conclusão é levada a reconhecer que, independentemente de ser ela, reconhecida ou não, os fatos enunciados nas premissas são tais como não poderiam ser se o fato enunciado na conclusão não estivesse ali”.

¹⁵ Para Peirce, *insight* é o mesmo que abdução.

¹⁶ Teoria peirceana segundo a qual todo o conhecimento é sujeito ao erro.

¹⁷ Termo utilizado na empresa para os profissionais que popularmente são conhecidos como garis.

¹⁸ “É o primeiro aterro sanitário que conta com sete cédulas para lixo domiciliar e seis para lixo hospitalar. A previsão de vida útil do aterro sanitário é de 20 anos. A obra foi construída com recursos do Governo Federal no valor de R\$ 1,5 milhão.” SILVA DE SOUZA, Luciana.; SANTOS, Haroldo Eurico Amoras

A coleta de dados deu-se segundo preceitos da pesquisa participante. Inicialmente, com o intuito de se deixar conhecer pelos trabalhadores, a autora/pesquisadora compareceu às atividades de cunho coletivo, como: lanches, almoços, jogos de futebol, momentos de descontração para os profissionais garis. Posteriormente, com o consentimento da empresa e dos trabalhadores escalados para o caminhão CC-170 - período diurno e noturno - acompanhou-se a coleta do lixo, registrando-se os procedimentos adotados pelos profissionais, a interação com moradores, além das atividades individuais de um dos trabalhadores¹⁹.

Para ganhar a confiança dos garis, foi necessário passar por um “ritual de passagem²⁰”: i) convite para jantar com eles no refeitório da empresa (a autora/pesquisadora aceitou “sem cerimônia”); ii) foi-lhe servido um copo com água, sob a recomendação de que: “Pode ficar tranquila, que não tem micróbios não²¹”.

A intenção dos auxiliares, mesmo que inconsciente, era saber se a pesquisadora estava “habilitada” a entrar no grupo, pois, “(...) ocorrências desta natureza constituem fenômenos [...] por eles denominados *provas de ingresso* (grifo do autor) (...)”²².

Dos 49 garis que atuavam pela manhã na rota selecionada, 11 responderam aos questionários, do período noturno, 17. Mesmo com a convivência de um ano e meio com a pesquisadora, alguns manifestaram reações de incômodo ao participarem da pesquisa. Esboçaram envergonha de responder perto dos amigos, chegando ao ponto de encobrir o questionário com o boné para que os colegas de trabalho não descobrissem o que escreveram. Um dos garis dirigiu-se à pesquisadora para dizer-lhe do interesse em participar, e manifestou a impossibilidade declarando-se não-alfabetizado. Por razões como essa, a amostragem foi considerada não-estratificada, pois ficou condicionada às implicaturas sociais que determinaram a “disponibilidade” dos garis em responder ao questionário com perguntas abertas e fechadas.

dos.; LUCENA DE SOUZA, Romina Batista de. Desenvolvimento Humano do Município de Boa Vista, RR. *Análise*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 78-92, jul./dez. 2008.

¹⁹ A partir das entrevistas foi produzido um documentário que mostra o cotidiano dos garis, intitulado “Valer a pena”.

²⁰ Usado nesse contexto equivalendo a “provas de ingresso”. Expressão usada pelos garis para saber se outra pessoa, que não pertence ao grupo, pode ser considerada sem preconceitos em relação a profissão exercida por eles.

²¹ Fala do motorista do caminhão coletor, dirigindo-se à pesquisadora em sua primeira visita.

²² COSTA, Fernando Braga. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004, p.59.

A análise do signo “lixo” deu-se com base no pragmaticismo²³, método recomendado por Peirce, pelo qual todo objeto científico deve ser submetido à experiência, o signo é definido pela ação que o produz. Isto é: a totalidade da significação de um conceito, de uma idéia ou concepção é a totalidade concebível de suas conseqüências práticas²⁴. Além do que

a verdade somente pode ser admitida na esfera mais ampla de uma comunidade. O testemunho generalizado, representado pela comunidade, é, pois, a única via de acesso à verdade. Àquele que contrariar essa via, teimando em agir conforme sua subjetividade, resta apenas a ilusão²⁵.

No caso do signo em análise, as interpretações serão obtidas com base nas reações dos profissionais garis ao ouvirem os moradores da cidade de Boa Vista – Roraima - usarem a expressão: “*O lixo já chegou!*”.

O estudo objetiva evidenciar os significados atribuídos ao signo, a partir dos efeitos que o seu uso pelo emissor provoca na mente dos intérpretes – garis. Considera a “natureza social do signo” para análise do objeto, pois “o eu que fala é o lugar de comunicação dos interpretantes em situação, e toda situação é social²⁶”.

Por essa perspectiva, usaram-se, ainda, os conceitos de humilhação²⁷ e representação social²⁸, discutidos no âmbito da Psicologia Social, como fundamentos teóricos capazes de explicar os efeitos do signo no nível do interpretante.

²³ A máxima da posição pragmaticista professa que a totalidade da significação de um conceito, de uma idéia ou concepção é a totalidade concebível de suas conseqüências práticas. William James, John Dewey, Ferdinand C. S. Schiller, dentre outros filósofos, adotaram o termo ‘pragmatismo’, conforme se tornou conhecido cientificamente o estudo inicialmente proposto por Peirce.

²⁴ MEDEIROS, Túlio Tibério Quirino de. A fenomenologia pragmaticista de Charles S. Peirce. *Prometeus*. Ano 2 - no.3 Janeiro-Junho/ 2009. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/prometeus/revistas/ARQ_PROMETEUS_3/4-TULIO.pdf>

²⁵ BORTOLOTTI, Ricardo Gião. O estatuto temporal e social do signo. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 21/22: 165-179, 1998/1999.

²⁶ SOUZA, Licia Soares de. Contribuições da Semiótica de Peirce para os estudos da narrativa. *Caligrama*. v. 2. Disponível em: <www.eca.usp.br/caligrama/n_4/02_LiciaSoares_opB.pdf>.

²⁷ “[...] fenômeno público que acarreta impedimento de ação e da palavra; [...] uma modalidade de angústia vinculada ao impacto das mensagens públicas de rebaixamento; [...] efeito de desenraizamento da cultura de nascimento; [...] o estado de quem perdeu a percepção social de si próprio.” GONÇALVES FILHO, José Moura. A invisibilidade pública (prefácio). In: COSTA, Fernando Braga da. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

O cotidiano dos garis de boa vista

Antes da análise semiótica propriamente dita, apresentar-se-á os atores participantes da pesquisa: os garis de Boa Vista. Além de entrevistas não-estruturadas, usou-se como instrumento para coleta de dados um questionário fechado com 11 questões, chegando a um perfil geral dos entrevistados.

Observou-se que a atividade de gari exige força, preparo físico, intuindo-se que a idade configura-se fator preponderante na seleção dos profissionais. A inferência foi confirmada pelos percentuais: 57% encontram-se na faixa etária de 18 a 25 anos; 29%, de 26 a 30 anos; e 14% possuem mais de 30 anos. Correm, em média, 15 km por dia e percorrem 22 mil residências para coletar resíduos sólidos.

Trabalham todos os dias. Os que atuam no período diurno realizam a coleta a partir do Centro de Boa Vista para os bairros periféricos. No período noturno, a coleta é realizada a partir do Centro até os bairros da zona Norte, Sul e Leste²⁹, bairros considerados Classe A e B.

Em geral, cada caminhão coletor recolhe 15m³ de resíduos de quatro bairros, o correspondente a cerca de 10 toneladas de lixo. Na época do inverno, esse valor é considerado 2 toneladas a mais.

Pelo serviço, os garis recebem um salário mínimo, além de adicional por serviço insalubre, adicional noturno³⁰ e horário adicional trabalhado. Com todos estes benefícios, os vencimentos líquidos ficam entre 650 e 700 reais.

Antes de serem garis, exerciam atividades variadas. Dos garis entrevistados, quatro responderam que atuavam como ajudantes de pedreiro e dois relataram que eram vigilantes. Os demais responderam que antes de serem garis trabalhavam como auxiliar de serviços gerais, padeiro, zelador, servente, auxiliar de topografia, militar do exército, dentre outros.

²⁸ “[...]corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes da imaginação.” MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.p.28.

²⁹ As zonas estabelecidas e referidas neste capítulo se baseiam no decreto municipal nº132, de 10 de Junho de 2005, que versa sobre a necessidade de se manter atualizadas as denominações de bairros e vias públicas nos registros de cadastro do Município.

³⁰ Somente os garis do período noturno recebem este benefício.

Os relatos revelaram o ingresso na profissão por necessidade. Os garis veem o trabalho como um sustento da família e sentem-se apoiados pelos familiares.

A vida de gari é sofrida. Mas você tem que dar graças a Deus por ter aquele emprego, em que você pode manter a sua família. É o único lugar que você não tem estudo e ganha melhorzinho (*sic*). Outro lugar você não acha não. Eu pretendo concluir os estudos, para sair desse ramo também. Minha família me dá valor, sabe que é um trabalho digno, honesto. Apesar de nós sermos discriminados, para a nossa família, nós somos um guerreiro (*sic*)³¹.

Assim que é admitido na empresa, o profissional recebe o uniforme e os materiais de segurança. A farda é composta por bermuda e camisa azuis e os tênis. Os utensílios de segurança são as luvas de borracha, a máscara e capa de chuva.

A empresa incentiva a utilização destes materiais, no entanto, os auxiliares utilizam somente as luvas, pois eles alegam que a máscara causa desconforto e dificulta a respiração e a capa de chuva os impede de serem ágeis na hora de correr e subir no caminhão.

No primeiro dia da pesquisa de campo³², percebeu-se que alguns garis utilizavam lenços ou pedaços de tecido, no lugar de máscaras, para encobrir o rosto a partir do nariz. Durante os relatos, justificaram o uso desse recurso para suportar o cheiro do lixo. No entanto, averiguou-se que usavam como um subterfúgio para não serem reconhecidos, haja vista que alguns residem nos bairros da rota³³.

Em seus relatos, afirmam que, assim que ingressam na profissão, têm receio de que alguém os reconheça na rua. Essa vergonha da profissão vai sendo superada com a

³¹ Genival Andrade, gari há oito anos, conhecido na empresa como Pé – de – Cera, em entrevista realizada em novembro de 2006.

³² No dia 10 de abril de 2007, terça-feira, os bairros visitados foram o São Bento, Prof. Araceli Souto Maior, Centenário, Raiar do Sol, Operário e Senador Hélio Campos.

³³ Buscou-se verificar em quais bairros residem os garis, obtendo-se como resultado: 21, 42%, no bairro Santa Luzia; 10,71%, no Pintolândia e no Senador Hélio Campos. Destaca-se o fato de que todos se encontram localizados na zona oeste da cidade (assim como a maioria dos demais 42, 84), além de serem consideradas, numa divisão de estratificação social, como classes C e D.

prática diária e a convivência com os colegas. Como mostra o gari José Roberto³⁴, que antes de ser auxiliar trabalhava como pedreiro: “é uma profissão ralada. Antes eu tinha vergonha, porque muitas pessoas me viam trabalhando na construção civil e agora como gari, correndo atrás de um caminhão, você caiu muito, né? Agora não, agora eu tenho orgulho da profissão”.

O primeiro dia de trabalho é considerado o mais difícil.

No primeiro dia de trabalho como gari eu tive febre. É comum no início, os auxiliares vomitarem ao sentirem o cheiro do lixo e não conseguirem comer. A vida de gari não é fácil...O começo é bem difícil, mas com a experiência, você conhece muita coisa, já pega o ritmo e sabe das peculiaridades da profissão³⁵.

Uma característica marcante na classe é, assim que ingressa um novo profissional, nomeá-lo com um apelido. Para os garis, isso é tão costumeiro que muitas vezes esquecem o nome “de batismo” dos colegas. Em geral, os apelidos indicam alguma peculiaridade do gari.

Do segundo dia em diante, a gente já entrou no clima, aí já viu como é, brincadeira e tudo. Mas, não têm não, meus amigos bagunçam. Até hoje meus amigos me chamam de “menino do ê”. É normal isso aí, eu levo na brincadeira e na esportiva. Agora eles me chamam de barbicha também, por causa da barbichinha no queixo. Assim que você chega [...], sempre tem um gaiato que coloca um apelido. Quando cheguei, todo mundo tava procurando um apelido pra mim. Eles acabaram me chamando de barbicha. Já acontece naturalmente. Aí (*sic*) esquece até do nome. O nome só na chamada mesmo³⁶.

³⁴ O gari José Roberto atualmente trabalha no Aterro Sanitário. A entrevista foi realizada em novembro de 2006.

³⁵ Elineudo Pereira, ex-gari, promovido a fiscal do período noturno.

³⁶ Matheus de Jesus Soares, gari a um ano e meio.

Os apelidos funcionam como *legi-signos*³⁷, pois se tornaram uma regra geral para os garis. Mesmo aqueles que não apresentam apelidos, são chamados pelo sobrenome.

Após a coleta de lixo no período diurno, às 11h30, os garis almoçam no refeitório da empresa e retornam para o serviço às 12h30. As atividades de coleta do primeiro turno são finalizadas às 16h00. Para o turno da noite, os garis chegam às 18h30. Reúnem-se no refeitório para o jantar, antes de iniciarem mais um dia de trabalho. Observou-se que os garis que atuam nesse horário são mais desinibidos do que os auxiliares do período diurno.

Naquele momento, uma resposta negativa poderia ser interpretada como rejeição e, conseqüentemente, dificultar o entrosamento da pesquisadora com os garis. A resposta positiva ao convite, ao contrário, promoveu sua aceitação pelos garis. A partir da sensação de ingresso no grupo, deu-se início a coleta de dados.

Posteriormente, foi revelado que, ao se dirigir com a ressalva de que não havia motivos para se preocupar com a higiene da água, devia-se ao fato de serem submetidos a situações de humilhação social por outros estudantes que realizaram pesquisas de campo na empresa. “Certa vez, um gari ofereceu comida a uma estudante. A aluna respondeu ao auxiliar, dizendo que não comeria a comida, pois estava suja, cheia de micróbios³⁸”.

Em se tratando da relação com a população atendida por seus serviços, declararam que os moradores não sabem como proceder no acondicionamento do lixo e nem possuem conhecimentos sobre coleta seletiva³⁹.

Dentre as práticas incorretas dos residentes, destacaram: i) depósito de materiais cortantes e perfurantes em sacos plásticos; fragilidade dos sacos utilizados; depositar os sacos com lixo em locais acessíveis aos cães de rua; esquecem os dias de coleta de lixo.

³⁷ Este tema será objeto de discussão em outro artigo.

³⁸ Elineudo, fiscal do período noturno. Diz que depois desse episódio sente-se receoso em convidar alguém para o jantar.

³⁹ Sistema de recolhimento de materiais recicláveis: papéis, plásticos, vidros, metais e orgânicos, previamente separados na fonte geradora e que podem ser reutilizados ou reciclados. A coleta seletiva funciona, também, como um processo de educação ambiental na medida em que sensibiliza a comunidade sobre os problemas do desperdício de recursos naturais e da poluição causada pelo lixo.

Pelo cotidiano do trabalhador gari perpassam a aceitação e a humilhação social. Assim como há moradores que, de acordo com os garis, são generosos, entendem a profissão exercida por eles; há aqueles que os desprezam,

É com base na aceitação que, em cada rota, identifica-se um ponto em que os garis param para tomar café da manhã. No caso dos auxiliares do caminhão CC-170, esse lugar fica na rua José Arthur de Lima, no bairro Alvorada. É a casa do senhor William Ferreira dos Santos, 57 anos, que diz:

Comecei a oferecer o café através dos meus filhos, que eram garis e trabalhavam na Construtora. Eles iam para o serviço e convidavam os amigos para tomar café da manhã na casa deles. A partir de então, toda semana, duas vezes na semana, eles tomam café da manhã aqui em casa. Aí aqui em casa se transformou no ponto do café. Atualmente, um dos meus filhos é auxiliar de pedreiro e o outro é auxiliar de mecânico. Eles deixaram a rota de lixo.

De modo oposto, há moradores que recebem os garis de forma preconceituosa, configurando um quadro de humilhação social. Relataram que ocorre de pedirem água nas casas, durante o serviço de coleta, e perceberem que, após beberem a água, as pessoas têm nojo de pegar o copo.

Afirmam que inclusive crianças agredem-nos, acontecendo de jogarem pedras neles. Como mostra o gari Reginaldo dos Santos: “Já sofri preconceito. Hoje, por exemplo, nós fomos a uma casa, e umas crianças atenderam a gente, mas não quiseram dar água, a gente não foi ignorante nem nada”.

A pesquisa detectou que 64% dos garis entrevistados preferem ser chamados durante o serviço de auxiliar; 29% gostam de ser chamados de garis; um entrevistado respondeu que gostaria de ser chamado de guerreiro; não assinalaram a opção lixeiro.

O gari Reginaldo dos Santos relata como prefere ser chamado: “Eu não me incomodo de ser chamado de lixeiro não. A maioria fala assim... Eu prefiro ser chamado

de auxiliar, acho mais bonito. Só que o pessoal não me chama, só me chamam de lixeiro”.

Quanto às relações no trabalho, com seus superiores, os garis sentem-se valorizados pelo chefe administrativo⁴⁰, pois, segundo eles, este se preocupa com a qualidade de vida dos trabalhadores, sendo o responsável pela inclusão do futebol como atividade constante no cronograma da empresa. A preparação para os campeonatos locais⁴¹ - em que os jogadores/garis representam a empresa - ocorre no campo de futebol de areia que foi construído no pátio da empresa.

Semiose do signo “lixo”

A palavra lixo é derivada do termo em latim *lix*, que significa cinza. Designa

aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua, e se joga fora; tudo o que não presta ou se joga fora; sujeira, sujeira, imundície; coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor; Resíduos que resultam de atividades domésticas, industriais, comerciais, etc; v. ralé⁴².

Destaca-se a ocorrência da palavra “ralé” dentre os significados de lixo. Ao consultar as definições para o termo, encontraram-se como significados: “a camada mais baixa da sociedade; animal de que a ave de rapina faz habitualmente sua presa; energia, vontade; espécie caça, raça⁴³”.

A significação dos termos - lixo e ralé – traz à tona o conceito de representação social.

As representações sociais designam uma forma de conhecimento específico, um saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos gerais e funcionais socialmente caracterizados [...] constituem modalidades de pensamento prático, orientadas para a comunicação, para a compreensão e para o domínio do entorno social, material e

⁴⁰ Quando o gerente-regional não se encontra no Estado, o chefe administrativo é o responsável pela empresa.

⁴¹ Em 2007, os garis conquistaram o campeonato de futebol society promovido pelo Serviço Social da Indústria (SESI). Em 2008, os auxiliares ganharam o campeonato de futebol realizado pelo Sindicato dos Transportes no Serviço Social do Transporte (SEST/SENAT).

⁴² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

⁴³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Op. Cit.

ideológico, cujos conteúdos referem-se às condições e aos contextos em que surgem as representações, mediante as comunicações nas relações intergrupais. Essa teoria consiste em uma maneira de interpretar e de pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento social, que ocorre através do contexto concreto em que se situam os indivíduos e os grupos, sobretudo, da comunicação que se estabelece entre eles, pela bagagem cultural de cada um, pelos valores e ideologias ⁴⁴.

Considerando o conceito de representação social, pode-se compreender a relação sinonímica entre ralé e lixo. O fato de o teor pejorativo encontrar-se dicionarizado, incluindo dentre os conceitos de lixo um termo que se refere ao ser humano, denota a influência do capitalismo, da divisão social em classes na linguagem, explica-se a arbitrariedade do signo. Por essa perspectiva, definiram-se as questões norteadoras da pesquisa:

- i) qual a interpretação dos garis para a palavra “lixo”?
- ii) como a experiência na profissão interfere nessa interpretação?
- iii) o significado atribuído por eles coincide com a idéia pretendida pelos moradores de Boa Vista? Mantém o teor pejorativo presente no conceito dicionarizado?
- iv) veem-se como parte do objeto dinâmico?
- v) como se constitui o objeto imediato?

Nesse ponto, cabe explicitar, mesmo não sendo este o enfoque neste estudo, as duas interpretações do uso do signo “lixo” pelos moradores. Primeiro, atribuem o uso a um hábito que resulta de um processo de substituição da palavra “lixo” por “lixo”.

Outra justificativa pauta-se na ideia de que o uso não é relacionado aos profissionais, mas ao produto que recolhem, a expressão é utilizada para indicar que “o caminhão coletor de lixo chegou.”

⁴⁴ JODELET, Denise apud ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO Virgínia Ângela M. de Lucena e. Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivência. *Textos Envelhecimento* v.7 n.1 Rio de Janeiro, 2004.

Em ambos os casos, as relações sociais determinam a convencionalidade do signo, apesar de declararem não haver a intencionalidade de menosprezar os garis, o hábito dos moradores revela o teor estigmatizante do representâmen. No primeiro caso, mantém o teor de desqualificação presente no dicionário, haja vista que atribuem à falta de opção a escolha da profissão de gari, o hábito no uso do signo “lixo” evoca seu caráter simbólico. A relação entre “lixo” e “gari” resulta de uma associação de ideias gerais. No segundo caso, evocar a presença do caminhão – índice - como “objeto da experiência direta na medida em que dirige a atenção para um objeto pelo qual sua presença é determinada⁴⁵”, causa a eliminação do gari do interpretante ao mesmo tempo que revela a invisibilidade pública⁴⁶ vivida por esses profissionais. Não aparecem porque os moradores ignoram o valor do seu trabalho. Só os enxergam quando deixam os sacos de estopa longe do local desejado⁴⁷.

Com base nesses aspectos, passou-se a buscar respostas para as questões norteadoras resultantes do problema de nossa pesquisa. A primeira pergunta baseou-se na lógica peirceana de que num primeiro momento o interpretante resulta da ideia original que se tem a respeito do signo. A essa categorização Peirce denominou primeiridade. Por essa perspectiva, 46, 44% definiram lixo como “material que deve ser recolhido”, “que não tem mais utilidade”, “não é uma coisa boa”, “são coisas que não têm mais utilidade e que se tornam desnecessárias”, “sujeira”. Os intérpretes trataram o signo “lixo” como produto, evocaram suas qualidades, categorizando-o como índice.

Pode-se inferir, ainda, que ao ouvirem a frase, os garis têm a impressão de que os moradores referem-se a eles. Relacionam as qualidades do objeto – lixo – a sua condição de gari, perdendo elementos de sua identidade de ser humano. Por isso, sentem-se na condição de humilhação social. Esse processo metonímico ocorre na categoria da secundidade. Criam a analogia de que, assim como o “lixo” é material desqualificado, a profissão de gari também o é. Essa imagem icônica esteve presente para 17,85% que associaram o signo ao trabalho que realizam: “gesto de trabalho”, “forma de trabalho”, “um meio de vida”, “um trabalho qualquer.”

⁴⁵ PEIRCE, op. cit., p. 105.

⁴⁶ “[...] fenômeno de gênese e expressão intersubjetivas - [...] - espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens.” COSTA, Op. Cit., p. 57.

⁴⁷ Declaração de um dos garis sobre em que momentos os moradores revelam conhecimento sobre a profissão de gari.

Por fim, quando o interpretante projeta-se em outra representação, a partir da reflexão, da consciência como estado cognitivo, a experiência pessoal acumulada mobiliza significados endógenos e exógenos, resultando em um novo signo, explicação plausível para o fato de 7,14% dos garis terem atribuído um novo significado ao signo em estudo: “o lixo é sujo mas é bem divertido”; “é muito amor”, “a reciclagem é o modo de muita gente se manter”. Revela-se a tentativa de romper com a convenção do representâmen “lixo” como “escória social”, “gentalha”, “povão”, “mundiça”, conforme apontaram 28, 57% dos garis respondentes, em que se mantém o teor pejorativo constante no dicionário.

Essa série de valores negativos correspondem ao estado de humilhação social retratado por Raimundo Filho⁴⁸ ao relatar como os moradores costumam chamar os garis durante a execução de seu trabalho: “Toda a sociedade é assim. Eles sempre falam: “Ô lixeiro, vem pegar o meu lixo!”; “O caminhão do lixo vem pegar o meu lixo?”; “Lá vem o fiscal de lixo, a empresa do lixo, lá vem o lixeiro...”

Em seu depoimento, o ex-motorista do caminhão coletor, Gutemberg Mecias da Silva, apresenta mais uma visão do tratamento depreciativo dispensado aos garis pelos moradores:

Muitos moradores falavam assim: “Se vocês não quiserem pegar o lixo, vocês falam, mas, por favor, seus ‘bando de lixeiro’, passem aqui com mais delicadeza e cheguem até a gente, para falar que o lixo não tá em uma situação adequada”. Geralmente, o contribuinte é muito agressivo em determinadas partes, agredindo o gari verbalmente. Muitas vezes, tive que sair do caminhão, para dialogar com os contribuintes, e falava que eu era um gari, mas um gari melhorado (*sic*).

Percebe-se a força da representação social, como “ela produz e determina os comportamentos, como define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes⁴⁹”.

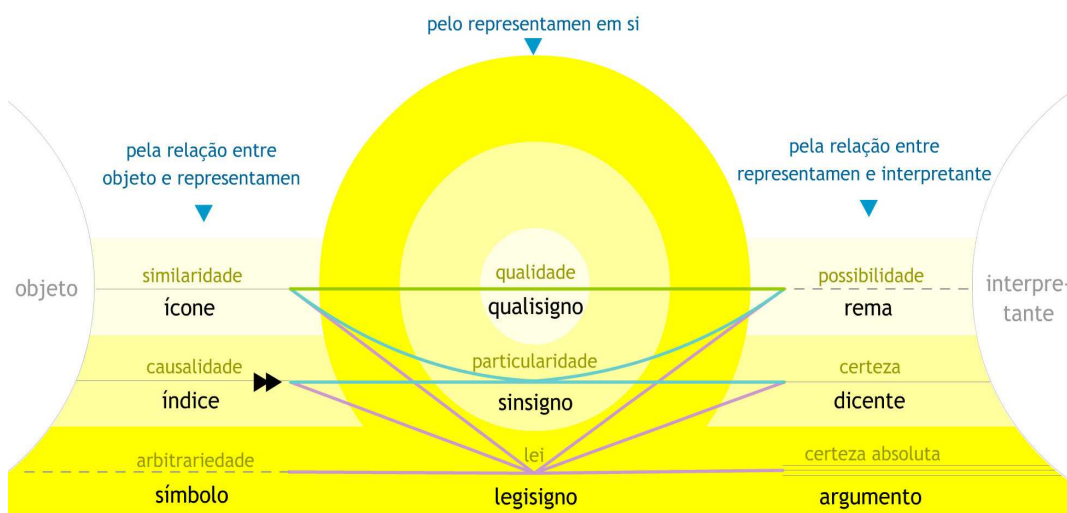
⁴⁸ Fiscal do período diurno, mais conhecido como Raimundinho.

⁴⁹ MOSCOVICI, op. cit. p. 26.

Nesse sentido, considera-se como objeto imediato a maneira como a mente interpretadora “garis” representa, indica, assemelha, sugere o signo “lixo”, sendo o responsável pela medição entre o objeto dinâmico e o interpretante. É por meio dele que as “representações passadas se conservam na memória cultural de uma sociedade⁵⁰.”

É mister, pois, que se estabeleçam combinações lógicas das tricotomias, a fim de identificar a classe em que o signo oriundo da semiose se encaixa, tendo os seguintes elementos: Signo – lixo; Intérprete – garis; Objeto dinâmico – trabalho; Interpretante – reciclagem.

FIGURA 3: Combinações das Tricotomias de Peirce



Fonte: Amstel, 2007, com alterações.

As discussões feitas até o momento permitem algumas inferências: o representâmen em relação a si mesmo é uma lei, um legisigno, atualizado na categoria da terceiridade, uma vez que os intérpretes relacionaram o signo “lixo” a outros signos até então não considerados pelo dicionário. Atualização essa mediada pelo interpretante que, na relação entre objeto e representâmen, revela a arbitrariedade do signo. As conexões estabelecidas entre a profissão de gari e o significado de lixo exemplificam a inexistência de uma relação direta entre o signo – lixo - e o objeto – trabalho de gari. A explicação para a abrangência simbólica do signo “lixo” pauta-se na convenção de

⁵⁰ Ibidem. p. 9.

representações sociais preexistentes. Quanto à combinação entre representâmen e interpretante, evidencia-se apenas uma possibilidade. O rema mostra que não há uma verdade absoluta, existe uma hipótese. A semiose, nesse caso, resulta, pois, em um legi-signo simbólico remático. Isto é: um “signo convencional que ainda não tem o caráter de uma proposição⁵¹”. Sua legitimação ocorre em virtude do aspecto cultural, das representações sociais em torno da profissão de gari, das convenções enraizadas na linguagem. No entanto, sabendo-se da natureza atemporal do signo, as atualizações do interpretante, se aceitas culturalmente, passarão a fazer parte da significação do signo.

Considerações finais

A complexidade e amplitude inerentes à Semiótica exigem que se reconheça que o interpretante final é um limite presumível. Percebeu-se que a semiose pode ser ilimitada, flexível, de acordo com a historicidade que envolve os interpretantes. Por isso, buscou-se, mesmo que timidamente, compreender a dinâmica cultural em que se encontram os intérpretes – garis – para, dessa forma, discutir o processo de interpretação. Constatou-se que o uso da tríade de Peirce e as classificações por ele propostas facilitam o entendimento de repertórios de significação, da influência das representações para a formação da semiose.

Destaca-se o poder das convenções da sociedade capitalista de cristalizar sentidos, de impô-los como hegemônicos. As associações do trabalho executado pelos garis ao signo “lixo” reforçam a semântica pejorativa, depreciativa que humilha, exclui, incita a aceitação das desigualdades. Por essa linha de pensamento, tanto o signo “lixo” quanto o signo “gari” passam a ser contiguamente vinculados a características socioeconômicas, baseadas em atributos de inferioridade, a trabalho manual desqualificado.

Devido à natureza qualitativa do interpretante, baseado na primeiridade, pressupõe-se que seja uma convenção da mente interpretadora - moradores - a deturpação da palavra “lixo” com a função de gari. Já os profissionais garis, mesmo sofrendo os efeitos da humilhação social, da invisibilidade pública, acabam reproduzindo a representação instalada na sociedade.

⁵¹ PEIRCE, Op. Cit., p. 106

O convívio com os auxiliares revelou a ambiguidade de representações compartilhada com diferentes grupos. Ou seja, são garis, estudantes, filhos, pais de família, amigos, dentre outras categorias sociais de que participam simultaneamente. Por isso, o interpretante ora discutido acabou revelando o lugar social de onde falam os garis e até que ponto a similaridade socioeconômica entre eles e os moradores favorece a compreensão da atividade sob uma perspectiva diferenciada.

Fontes

BARSA. Grande Enciclopédia Barsa. 3 ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional Ltda, 2004. Obra em 18v.:il. Volume 08

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FIDALGO, António; GRADIM, Anabela. *Manual de Semiótica*. UBI – Portugal.2004, 2005. Disponível em:<www.ubi.pt> ou <www.bocc.ubi.pt> .Acesso em: 10 abril 2008

PEIRCE, Charles Sanders; FREGE. *Coleção os pensadores*, 1983.

SILVA, Ângela Maria Moreira. *Normas para apresentação de trabalhos técnicos – científicos da UFRR*: baseadas nas normas da ABNT. Boa Vista: Editora da UFRR, 2007.

Sites consultados

<http://www.direitoprocessual.com.br/images/kant_foto.jpg> Acesso em: 20 abril 2008.

<http://www.boavista.rr.gov.br/produtos/produto7/07_DiagInt_SaneamAmbiental4.PDF> Acesso em: 20 abril 2008.

<<http://www.lixo.com.br>> Acesso em: 15 nov. 2006.

Referências bibliográficas

- ALLBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 100 p.
- AMSTEL, Frederick Van. *Uma proposta semiótica para a avaliação de estruturas de navegação*. Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2005. Disponível em: <http://usabilidoido.com.br/arquivos/semiotica_avaliacao_navegacao_amstel.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2007.
- ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO Virgínia Ângela M. de Lucena e. Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivência. *Textos Envelhecimento* v.7 n.1 Rio de Janeiro, 2004.
- BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 11ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- BORTOLOTTI, Ricardo Gião. O estatuto temporal e social do signo. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 21/22: 165-179, 1998/1999.
- COSTA, Fernando Braga da. *Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.
- IASBECK, Luís Carlos Assis. O Método Semiótico. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio. *Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- GONÇALVES, Priscila Menezes. *A semiótica na terra de Macunaima: A história da semiótica em Roraima*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, 2005.
- MACHADO, Carolina de Paula. *A designação da palavra preconceito nos dicionários atuais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2007.
- MACHADO FILHO, Francisco; THOMAZ, Patrícia. *As dez classes principais de signos segundo Charles Sanders Peirce*. VII Jornada Multidisciplinar: Humanidades em Comunicação. Anais...FAAC/UNESP-Bauru, outubro 2005.
- MEDEIROS, Túlio Tibério Quirino de. A fenomenologia pragmaticista de Charles S. Peirce. *Prometeus*. Ano 2 - no.3 Janeiro-Junho/ 2009. Disponível em: <http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/prometeus/revistas/ARQ_PROMETEUS_3/4-TULIO.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2007.

- MOSCOVICI, Serge. *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MUCELIN, Carlos Alberto. *Estudo Ecológico de fragmentos ambientais urbanos: Percepção sócio e pesquisa participante*. Dissertação (Doutorado em Ciências Ambientais) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.
- NETTO, J. Teixeira Coelho. *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PEIRCE, Charles Sanders. *A Fixação da Crença*. Ano: 1877, 13p. Disponível em: <www.bocc.upi.br> Acesso em: 15 nov. 2007.
- _____. *La lógica considerada como semiótica: El índice del pensamiento peirceano*. Sara Barrena [Tradução e notas], Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica & literatura*. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial: 2004, p. 20.
- QUEIROZ, Raphaela F. dos S. Borges de. *Lixo ou gari: a semiotização do ser pela palavra*. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Universidade Federal de Roraima: Boa Vista, 2008.
- SANTAELLA, Lucia. *A Teoria Geral dos Signos: Semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- SOUZA, Licia Soares de. Contribuições da Semiótica de Peirce para os estudos da narrativa. *Caligrama*. v. 2. Disponível em: <www.eca.usp.br/caligrama/n_4/02_LiciaSoares_opB.pdf>. Acesso em: 10 maio 2008.
- VIEIRA, Mário B. M. Hubner; PIMENTA, Francisco José Paoliello. Como a Revista Veja Retrata Hugo Chávez. VI Encontro Regional de Comunicação. Anais... Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.